

FAMÍLIAS ATÍPICAS: O PERÍODO DE LUTO E POSTERIOR ACEITAÇÃO

DENIS AUGUSTO LINO DE LIMA¹

PROFESSORA LUCIANA COSTA²

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar a proposta das famílias atípicas de crianças com o Transtorno do espectro autista - TEA, bem como mencionar a fase de luto e indicar as possibilidades de superação encontradas pelas famílias deste público-alvo. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, sendo estruturada por meio da aplicação de um questionário a duas famílias, além da coleta de informações que permitiram uma compreensão mais aprofundada do processo vivido por elas. A análise do questionário possibilitou a identificação de elementos emocionais, sociais e informativos, considerados fundamentais no processo de recebimento e aceitação do diagnóstico. Pretende-se, por esta pesquisa, colaborar com a sociedade em geral, para que a inclusão e o respeito a essa comunidade aconteça de forma eficaz.

Palavras-chave: Maternidade Atípicas, Famílias Atípicas, Fase de luto e Aceitação.

ABSTRACT

The aim of this article is to present the proposal of atypical families of children with Autism Spectrum Disorder (ASD), as well as to mention the mourning phase and indicate the possibilities for overcoming it found by the families of this target group. The research adopts a qualitative approach and is structured through the application of a questionnaire to two families, as well as the collection of information that allowed a more in depth understanding of the process experienced by them. Analysing the questionnaire made it possible to identify the emotional, social and informational

¹ Graduando em Especialização em Educação Especial e Inclusiva pela Faculdade Alpha.
E-mail: denisbeat322@icloud.com

² Professora Orientadora: Doutora, Universidade Federal Rural de Pernambuco - PE,
luciana.costa@alpha.edu.br



elements considered fundamental in the process of receiving and accepting the diagnosis. The aim of this research is to collaborate with society in general so that inclusion and respect for this community can take place effectively.

Keywords: Atypical Motherhood, Atypical Families, Mourning Phase and Acceptance.

1 INTRODUÇÃO

A maternidade atípica configura-se como uma jornada permeada por inúmeros desafios, mas que também proporciona importantes aprendizados, recompensas e autoconhecimento. Essa experiência, em sua totalidade, transforma significativamente a realidade de muitas famílias, especialmente no que diz respeito à figura materna. A mãe, nesse contexto, é frequentemente evidenciada como o pilar central no processo de desenvolvimento do indivíduo com deficiência, especialmente aquele com Transtorno do Espectro Autista (TEA), muitas vezes sem contar com o suporte emocional, social ou institucional necessário.

O TEA é caracterizado como um transtorno do neurodesenvolvimento que apresenta uma ampla variedade de sintomas, cujos níveis de gravidade e manifestações variam de indivíduo para indivíduo. A partir do momento do diagnóstico, há uma reconfiguração na dinâmica familiar, marcada por altos níveis de estresse entre os membros, diminuição do autocuidado da mãe em prol das necessidades do filho, exaustão frente à rotina intensa de terapias, atividades sociais e demandas domésticas, entre outros aspectos.

Essas dificuldades são agravadas pelas barreiras de comunicação e interação entre o indivíduo autista e sua família, o que contribui para o aprofundamento de lacunas emocionais e sociais que merecem atenção no âmbito científico e social.

Explanar a temática da maternidade atípica, e suas especificidades como o diagnóstico, o luto e a posterior aceitação, pode proporcionar uma compreensão mais enorpada sobre os obstáculos que delineiam o cotidiano destas famílias.

Diante dessa realidade, este estudo tem como objetivo promover uma compreensão mais aprofundada sobre o processo de luto e aceitação vivenciado pelas famílias atípicas, além de destacar o papel da rede de apoio e da integração com equipes



multidisciplinares no enfrentamento dessas situações.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Definição de Maternidade atípica e Famílias atípicas a partir do levantamento das pesquisas

A partir dos levantamentos efetuados, foi possível analisar que o termo "maternidade atípica" é uma expressão que ganhou força em consonância da luta das mães de crianças com deficiência, síndromes raras e em sua maioria crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Essas mães, de forma geral, buscam a consolidação e a efetivação das leis de inclusão, além de fomentar os debates sobre o anti capacitismo. Esse termo é utilizado como o principal meio de garantir a promoção da igualdade de oportunidades, da efetivação dos direitos destes indivíduos e sua inclusão nos principais espaços sociais, independentemente de suas habilidades sensoriais, físicas ou mentais, ressaltando assim a importância do desenvolvimento integral que se almeja assegurar para todo o público PCD. A ativista Lua Patrón (2020) afirma que:

“A maternidade é a professora nata da soft skills que serão as mais requisitadas do futuro do trabalho, são habilidades sócio afetivas, comunicação, empatia, adaptabilidade e coragem.”

Por muito tempo, a consolidação dos cuidados afetivos esteve direcionada à figura feminina, e, nos dias atuais, essa realidade não é diferente. As atividades domésticas, a educação dos filhos, os movimentos afetivos e, em muitos casos, até mesmo o sustento familiar são responsabilidades assumidas pelas mulheres, que frequentemente recebem a denominação de “mães solo” ou “mães ditas especiais”.

Diante da experiência da gestação e das vivências que acompanham essa realidade, muitas mulheres se encontram exaustas diante da correria do cotidiano. No entanto, mesmo diante do cansaço, seguem lutando pelo bem-estar de seus filhos, buscando garantir o cumprimento das políticas públicas voltadas ao acolhimento tanto delas quanto de suas crianças. Um exemplo fundamental desse amparo é a Lei nº 12.764, de dezembro de 2012, conhecida como a Lei de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista.



Em contrapartida, as demais gestações são completamente diferentes da maternidade atípica, pois as mães atípicas assumem não apenas o papel de mães, mas também de cuidadoras. Muitas vezes, acabam deixando de lado o próprio autocuidado devido à alta demanda de responsabilidades que recaem sobre elas em relação aos filhos.

Lua (2018) enfatiza que:

Inclusão parece uma palavra difícil. Um Movimento grande que cabe a grandes esferas e se ensina em livros complicados. Mas a verdade é que a mudança cabe na mão de cada um de nós, na escolha de pequenos gestos com gentileza, na empatia pela dor do outro, numa abertura pela diversidade como todo. Precisamos mudar nosso ponto de vista e entender que lugares são deficientes, ideias são deficientes, o marketing, o planejamento, o design é deficiente, não as pessoas, e ultrapassar barreiras óbvias, pelo afeto.

Ademais, o conceito de "família atípica" diz respeito a núcleos familiares que incluem integrantes com condições médicas específicas, necessidades especiais ou que vivenciam situações fora do padrão convencional que são mencionados como normais pela sociedade. Essas condições e necessidades especiais que emergem desse termo para essas famílias, se debruçam sob algum membro da família que possui alguma deficiência física ou intelectual, autismo, dislexia, TDAH, transtornos de desenvolvimento, doenças crônicas ou até mesmo famílias monoparentais.

Patrón (2018) aborda todo o contexto que envolve a gestação e também destaca a solidão que acomete essas famílias, e principalmente as mães atípicas. Nesse sentido, ela afirma:

“É preciso uma aldeia inteira para educar uma criança, mas nos nossos casos, na maioria das vezes, o que temos são amigos que não querem se aproximar, parentes que têm medo e não querem se envolver. Tios que não vão levar essa criança para passear, nunca, num sábado de tarde. Mães de colegas que não convidam para dormir na sua casa, convites de aniversário que não chegam, avós que dizem não ter mais idade. Pais que estão, mas não muito. Pais que vão embora. Olhando profundamente, a verdade é que muitas vezes a mãe é a aldeia inteira dessa criança. E ela vai tentar ser como toda a força dela, e ela vai se esforçar e se cobrar pra dar conta de todos aqueles papéis. E ela vai falhar, invariavelmente. Ela não tem nenhuma chance”.

Em síntese, ambos os termos são complementares, pois sustentam a ideia de que um se apoia no outro, ao envolver tanto a geração quanto os cuidados com a pessoa com deficiência. Essa realidade implica em rotinas exaustivas, tornando essencial a existência de uma rede de apoio eficiente, engajada e acolhedora.



2.2 A fase do Luto vivenciado pelas Famílias Atípicas

Sabemos que a fase da maternidade na vida de uma mulher é profundamente transformadora. Não se trata apenas de mudanças físicas, mas também psicológicas. Antes mesmo do nascimento do bebê, a mãe já o idealiza. No entanto, a realidade nem sempre corresponde às expectativas. Assim, o filho "perfeito" é projetado e aguardado, mas, por vezes, ele não atende às idealizações de perfeição. O controle sobre a vida e suas circunstâncias nem sempre está em nossas mãos, e isso se aplica, inclusive, à forma como percebemos os outros e nossos próprios filhos. Aceitar as imperfeições e reconhecer nossos limites faz parte do processo de crescimento pessoal e familiar. A relação entre pais e filhos se torna mais saudável quando se aprende a aceitar suas individualidades e a amá-los pelo que realmente são, e não pelo que foi idealizado.

De acordo com Simão (2019, p. 6): “As mães tendem a idealizar seus filhos antes e durante a gestação, projetando neles seus anseios e desejos”. O enfrentamento do luto pelo "filho perfeito" pode ser extremamente doloroso, pois envolve o confronto entre expectativas e realidade, podendo provocar uma sensação de perda não apenas em relação ao filho idealizado, mas também da própria identidade materna ou paterna. A idealização de um filho perfeito está frequentemente ligada à ideia de controle ou realização pessoal. Quando a realidade não corresponde a essa expectativa, o luto pode emergir.

Entretanto, esse luto não diz respeito à morte física do filho, mas à perda da imagem idealizada, da visão que os pais construíram em suas mentes. Pode ser um luto pela perda de um futuro imaginado para o filho ou pela necessidade de adaptação a uma realidade inesperada, como dificuldades, necessidades especiais ou um caminho distinto do esperado. Esse processo de aceitação é profundo e exige tempo.

Freud (1917[1915]2006, p. 103) discorre que:

"O luto é, em geral, a reação à perda de uma pessoa amada ou de uma abstração que tenha tomado o lugar dela, como a pátria, a liberdade, um ideal etc."

Aprender a lidar com esse luto requer a compreensão de que tanto pais quanto filhos são seres imperfeitos, e que essa imperfeição é parte inerente da existência humana. A realidade não corresponde às idealizações de perfeição construídas na mente, ou seja, reconhecer que as expectativas podem ser prejudiciais à própria jornada



de autodescoberta é essencial. A descoberta de um diagnóstico inesperado pode interferir drasticamente no processo de aceitação. Nesse momento, buscar apoio profissional, como terapeutas ou grupos de suporte, são fundamentais para processar o misto de emoções. O luto se manifesta de maneiras diversas, e o suporte emocional é crucial nesse percurso. Cuidar das próprias emoções é essencial para evitar que a dor do luto se torne um obstáculo insuperável, pois sem sombra de dúvidas a rede de apoio mais presente se delinea nos parentes mais próximos.

Késsia (2024, p. 8) expõe que:

Nunca foi e nunca será negação do filho. Para a mãe, não é sobre amar mais ou dedicar-se menos a uma criança pela condição neurológica ou alguma deficiência apresentada. É negação do processo, do medo do que está por vir, da sociedade e da inclusão de cada uma dessas crianças no mundo.

O luto em sua maioria das vezes parece ser solitário, mas não precisa ser. Muitos pais enfrentam desafios semelhantes e, com o tempo, aprendem a enxergar a beleza na diversidade e nas particularidades de seus filhos, pois receber o diagnóstico de autismo do filho não significa um fim, mas um recomeço. É o momento em que a mãe passa a enxergar o filho com mais clareza, compreendendo que há um caminho a ser trilhado, e repleto de possibilidades. O diagnóstico não define a essência da criança. Ela continua a ser um ser único, dotado de potencial, capaz de se desenvolver com amor e dedicação, respeitando suas particularidades, seus talentos e suas individualidades.

Em síntese, o luto das famílias atípicas, embora seja um processo doloroso, também é marcado por aprendizagens, afeto e, sobretudo, por realizações familiares. Apesar das demandas exaustivas, quando há uma equipe multidisciplinar atuando em conjunto com uma rede de apoio, cuidando tanto da criança quanto da família, o progresso do paciente torna-se possível.

2.3 A posterior aceitação vivenciada pelas famílias atípicas

A aceitação de um filho neurodivergente é um processo profundo e, muitas vezes, desafiador para os pais. Ela envolve questões emocionais, psicológicas e sociais. Esse processo, na maioria dos casos, ocorre por etapas. Inicialmente, há o luto pela perda da expectativa do filho "perfeito", seguido por uma aceitação gradual da criança real. Para que esse processo ocorra de maneira saudável, é fundamental que os pais se eduquem e busquem informação sobre as necessidades e individualidades de seus



filhos. O conhecimento sobre a condição da criança é crucial para a aceitação. Quando os pais compreendem o significado de ser "atípico", seja no contexto do autismo, de uma deficiência intelectual, de distúrbios de aprendizagem ou de outras condições, tornam-se mais preparados para enfrentar os desafios que surgem.

Pitanga (2024, p 258) discorre que:

É importante lembrar que a aceitação não é uma linha reta. É um processo com altos e baixos e leva tempo. É um caminho que cada família terá que percorrer. O diagnóstico é o ponto de partida e a aceitação é o que fará essa caminhada se tornar mais leve e harmoniosa. É o que nos permitirá curtir o caminho, sem se preocupar tanto com a linha de chegada.

Portanto, a educação permite que os pais reconheçam as capacidades e limitações de seus filhos, auxiliando na elaboração de estratégias e adaptações necessárias para seu desenvolvimento. O papel da família é crucial nesse processo, exigindo paciência, determinação, empatia e muito esforço. A inclusão social se torna um dos principais desafios, pois os pais precisam lutar para garantir o acesso dos filhos à educação, à socialização e aos direitos fundamentais, enfrentando, muitas vezes, barreiras impostas pela sociedade. Infelizmente, a sociedade nem sempre é acolhedora em relação às diferenças. O preconceito e a desinformação tornam a jornada de aceitação dos pais ainda mais desafiadora. Por isso, uma rede de apoio é essencial para que eles encontrem suporte emocional e consigam lidar melhor com as limitações e singularidades de seus filhos.

Atualmente, a Lei nº 1.179/2024, por meio do programa "Cuidando de Quem Cuida", busca oferecer uma rede de apoio às mães atípicas, garantindo suporte psicológico e terapêutico, além de incentivar o acesso a informações e estudos sobre as necessidades tanto dos filhos quanto delas próprias. O programa também promove a formação e valorização dessas mães na sociedade. Ter uma rede de apoio é essencial para auxiliar essas famílias em sua jornada, proporcionando suporte prático, emocional e psicológico, e assegurando o bem-estar e a qualidade de vida de mães e filhos.

Ademais, quando a aceitação ocorre de forma plena, a criança atípica tem a oportunidade de se desenvolver de maneira mais completa e saudável. Sentir-se amada e apoiada pelos pais fortalece sua autoestima e confiança. A aceitação prepara a criança para enfrentar desafios sociais e emocionais ao longo da vida. Aceitar um filho atípico é um processo contínuo, que exige uma transformação na forma como os pais percebem



e interagem com seus filhos. Com paciência, compreensão e suporte adequado, é possível criar um ambiente amoroso e estimulante, proporcionando à criança todas as condições necessárias para seu crescimento e desenvolvimento pleno.

Em síntese, o luto das famílias atípicas é um processo desafiador que exige dedicação, esforço e um cuidado específico com seus familiares. No entanto, essa fase também traz aprendizado e reconhecimento, permitindo que as famílias desenvolvam novas formas de amar e compreendam a singularidade de cada indivíduo. Dessa forma, a equipe multidisciplinar e as políticas públicas são aliados essenciais nessa jornada, garantindo a efetivação dos direitos das pessoas com deficiência e promovendo o bem-estar de todos os envolvidos.

3. METODOLOGIA:

A presente pesquisa possui natureza qualitativa, tendo como principal objetivo compreender, por meio de relatos e percepções, o processo vivenciado por famílias atípicas desde o diagnóstico até a fase de aceitação. Para a coleta de dados, foi utilizado um questionário estruturado, elaborado pelos próprios autores com base em leituras e estudos prévios sobre o tema, considerando aspectos emocionais, sociais e cotidianos vivenciados pelas famílias.

O instrumento foi composto por cinco perguntas objetivas que visaram levantar informações relevantes relacionadas à rotina familiar, às experiências no processo de diagnóstico e às estratégias de aceitação e adaptação. As perguntas foram formuladas com o intuito de garantir clareza, respeito e sensibilidade diante da temática.

A aplicação do questionário ocorreu de forma oral, através de perguntas e respostas registradas em um diário de campo, permitindo anotações detalhadas que serão utilizadas posteriormente na transcrição e análise dos dados. Esse procedimento visa assegurar a fidelidade dos relatos e facilitar sua organização em quadros que integrarão os resultados do artigo.

A coleta de dados foi realizada entre os dias 17 a 21 de Março de 2025, com a participação de duas famílias atípicas. A Família A é representada por uma mãe de 45 anos e a Família B, por uma mãe de 41 anos, ambas selecionadas considerando suas disponibilidade e o consentimento para participação na pesquisa.



As perguntas norteadoras que embasaram a construção e aplicação do questionário foram as seguintes: Quando foi que você começou a notar que seu filho(a) era “diferente”? , Você já possuía conhecimentos sobre o Espectro autista?, Com foi receber o diagnóstico, Como o diagnóstico influenciou na sua vida? Você possui uma rede de apoio? E quais foram suas estratégias para a fase da aceitação?. A análise do questionário foi feita por meio da análise temática, onde se direcionando a estudar os impactos presentes, a diferença entre as famílias, vivências e o conhecimento prévio, tendo como base o que os autores discorrem acerca do público alvo.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste momento, os relatos apresentados serão abordados de forma breve e respeitosa, mantendo o anonimato das famílias envolvidas. Para preservar a identidade e garantir a confidencialidade, elas serão identificadas como "família A" e "família B". Essa escolha segue os princípios éticos fundamentais na condução e divulgação das informações que compõem esse artigo.

Optamos por esse método de coleta e apresentação dos dados com o objetivo de proporcionar uma melhor compreensão da temática abordada. Através desses relatos, buscamos lançar luz sobre as vivências dessas famílias, especialmente no que diz respeito ao processo de luto e à aceitação que se instaurou a partir do momento em que receberam o diagnóstico de seus filhos. A intenção é possibilitar uma análise mais empática e profunda dos desafios emocionais enfrentados.

Perguntas norteadoras	Família A	Família B



Quando foi que você começou a notar que seu filho (a) era “diferente”?	“Quando ele tinha 1 ano e meio, ele não falava as palavras que eram comuns naquela idade, e isto começou a me deixar incomodada. Algumas coisas eram bem visíveis como o atraso na fala, reproduzindo sempre ecolalias e coisas muito mínimas eles efetuava”.	“Na realidade eu não percebi, sempre achei que ele era manhoso, birra ou da idade dele mesmo. Teve umas pessoas que me alertaram, mas eu não acreditei no que falavam por achar a atitude dele ser diferente ao comparar com outras crianças da mesma idade. Coloquei ele na escola, a professora disse que ele poderia ser autista, pediu para que eu procurasse um médico, mas eu não acreditei nas palavras e orientações da professora, achei melhor mudar ele de escola”.
Você já possuía conhecimento sobre o Espectro autista?	“Sim, pelo fato de ser graduada em pedagogia e atua na área, por ter alunos com TEA sempre busquei informações sobre o espectro para ajudar tanto o meu filho, e também os meus alunos” .	“Eu não tinha conhecimento, eu era completamente leiga, como havia falado antes eu sempre achei que era birra ou manha do meu filho. Só depois que eu vim perceber que era algo diferente”.
Como foi receber o diagnóstico?	“Tranquilo, por já ser graduada e também trabalhar com o público autista, consegui identificar os primeiros sinais dele muito antes do que a pediatra... e também da professora da creche que ele estudava. Para me não foi tão frustrante, até por que eu já tava inserida nesse contexto e observava como as mães tentavam reagir e se moldavam a realidade para oferecer o melhor para os seus filhos”.	“Foi um choque de realidade, viu. eu chorei muito, fiquei triste, me sentir culpada por ele ser assim durante alguns meses, mais procurei ajuda para ele, para ver ele se desenvolvendo e principalmente para a independência, por que eu não vou tá sempre aqui, né?”.



Como o diagnóstico influenciou na sua vida? Você possui uma rede de apoio?	“Com a confirmação do diagnóstico dele, fui me debruçar no tema, realizei uma Pós-graduação na área de Educação Especial e Inclusiva, com um tempo comecei atuar na área, além da minha experiência em sala de aula. Assumir também uma sala do AEE, e foi assim que fui construindo a minha jornada de conhecimento e desenvolvendo cada dia a mais algumas habilidades para saber lidar com o meu filho. Confesso que foi preciso um ensinamento redobrado para que eu vinhesse me conduzir a um educar significativo e também em ser mãe de um autista. Possuo sim, uma rede de apoio, minha família é presente, meu filho realiza as terapias tudo certinho. Agradeço muito por ter esse suporte, essa ajuda, por que realmente não é fácil e eu vejo a realidade das mães que não tem essa ajuda”.	“Busquei ajudar para ele por que quero que ele seja uma criança feliz do jeito dele, saber lidar mais com ele. Não tenho rede de apoio, mas eu tenho ajuda de alguns parentes meu quando preciso, corro atrás das terapias dele também para ele ficar bem”.
Quais foram suas estratégias para a fase da aceitação?	”Decidir falar pra todos que convivem comigo, aconteceu um episódio que recebi até flores de um grupo de parentes, mas sempre tive a certeza que esse desafio teria que ser enfrentado de cabeça erguida. A minha especialização me ajudou muito a entender e ir mais e mais fundo nos estudos sobre o autismo, para poder lidar com o meu filho da forma certa”.	“Eu tive que ser mais paciente, fiquei mais atenta as coisas dele e como ele reagia a situações e também procurei sempre entender ele do jeito dele”.

Tendo em vista as respostas colhidas por meio deste questionário, é possível perceber uma discrepância significativa em relação ao processo de diagnóstico, luto e posterior aceitação vivenciado pelas famílias em destaque. Ao colocarmos ambas as experiências na balança, torna-se evidente a vantagem proporcionada pelo acesso a informações adequadas e pelo conhecimento prévio, que orientam de forma mais eficaz a busca por ajuda, como foi o caso da família A.



A mãe A, por já estar inserida na realidade vivenciada pelo público autista, possui uma experiência que a coloca em uma posição mais confortável em comparação com a família B. Além disso, seu conhecimento teórico, aplicado na prática do cotidiano, torna o ato de educar o filho mais compreensível e fluido. Na maioria das situações, ela sabe como agir diante de uma desorganização corporal, de uma restrição alimentar, entre outros desafios.

Já a família B, cuja mãe não possuía conhecimentos prévios sobre o espectro autista ou sobre o diagnóstico, se viu diante de uma realidade completamente nova e distante do que estava acostumada. Por isso, passou a se culpar e não conseguiu acessar de forma plena os direitos garantidos por lei.

Outro ponto que nos chamou bastante atenção foi a efetivação das políticas públicas voltadas tanto para o atendimento dos educandos quanto para o apoio às famílias atípicas. Englobando essas lacunas, o escritor Rubem Alves (2005) pontua que:

A educação não é só a transmissão de saberes; ela é, antes de tudo, uma construção de vida, e como tal, a sociedade precisa acolher o diferente, respeitando-o em suas potencialidades. Políticas públicas são necessárias para dar visibilidade ao ser humano em sua totalidade e para que a inclusão se torne uma realidade.

Fomentando mais ainda essa problemática temos o recorte Werneck (2010) que engloba as políticas públicas da seguinte forma:

As políticas públicas para pessoas com deficiência não devem ser vistas como um favor da sociedade, mas sim como um direito que precisa ser garantido. A inclusão não é apenas uma questão de acessibilidade, mas de transformação cultural e social.

No entanto, a realidade atual revela um cenário de negligência em relação a esses sujeitos. O próprio atendimento por equipes multidisciplinares ainda é visto como algo distante, devido à precariedade dos serviços públicos. As redes de apoio, cada vez mais escassas, muitas vezes dependem exclusivamente da iniciativa das famílias que já têm uma certa consciência sobre as dificuldades enfrentadas, principalmente pelas figuras femininas, na criação de crianças neuro divergentes. Sobre essa temática enfatizou Mantoan (2013):



As situações de deficiência são vividas por todo e qualquer aluno; trata-se de um problema do meio escolar e não do aluno com deficiência. Nosso papel de pais, de professores para solucioná-lo é o de tornar a escola comum um ambiente estimulador da capacidade de cada aprendiz e não uma instituição niveladora da aprendizagem e promotora da exclusão.

Em resumo, todo o processo que se estende desde o diagnóstico até a fase da aceitação é marcado por inúmeros obstáculos. Contudo, ao longo dessa trajetória, tais desafios acabam fortalecendo as famílias, que seguem firmes na busca por melhores condições de vida digna para seus filhos, bem como pela efetivação das leis que asseguram o desenvolvimento integral desses seres humanos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enfatiza-se que, no contexto das famílias atípicas e do suporte necessário ao desenvolvimento de crianças autistas, ainda há uma significativa defasagem na efetivação de políticas públicas que garantam o progresso integral dessas crianças em todas as esferas de sua evolução social. A desinformação permanece como um dos principais obstáculos, dificultando o amadurecimento das mães frente ao espectro autista e, muitas vezes, gerando nelas sentimentos de autocobrança diante de uma realidade para a qual não foram preparadas.

A atuação de uma equipe multidisciplinar, essencial para o acompanhamento adequado dessas crianças, ainda é percebida como uma possibilidade distante pela maioria das famílias das regiões periféricas, como é o caso das famílias entrevistadas. Essas famílias enfrentam uma dura realidade ao buscar atendimento especializado, enfrentando barreiras tanto no acesso à triagem inicial quanto à continuidade do tratamento necessário.

Quanto às plataformas utilizadas para o levantamento de dados, observa-se que são ferramentas relevantes, pois reúnem produções científicas e intelectuais que contribuem para a construção e disseminação do conhecimento sobre a maternidade atípica. No entanto, torna-se evidente a necessidade do uso de filtros refinados para localizar materiais específicos sobre a temática, além de se identificar a escassez e repetição de alguns conteúdos disponíveis em diferentes bases.



Por fim, conclui-se que ainda há um longo caminho a ser percorrido no que diz respeito à inclusão efetiva das famílias atípicas no cenário das políticas públicas e do atendimento qualificado. É fundamental que o poder público, em parceria com a sociedade civil e instituições acadêmicas, promova ações integradas de informação, acolhimento e suporte às mães atípicas, assegurando o desenvolvimento pleno de crianças autistas em um ambiente de respeito, equidade e dignidade.

REFERÊNCIAS

ALVES, R. S. **A educação e a inclusão: desafios e perspectivas**. São Paulo: Cortez, 2005.

BRASIL. Senado Federal. **Mães de crianças com deficiência podem ter proteção e apoio ampliados**. *Agência Senado*, 10 maio 2024. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2024/05/10/programa-com-regras-e-acoes-de-apoio-a-maes-atipicas-aguarda-votacao-na-cdh>. Acesso em: 6 fev. 2025.

FREUD, Sigmund. **Luto e melancolia**. In: _____. *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. (Obras Psicológicas de Sigmund Freud, v. 2). p. 99-122. (Trabalho original publicado em 1917 [1915]).

MATERNIDADE atípica [livro eletrônico]: uma jornada de amor, aceitação e crescimento / organização Késsia Oliveira. São Paulo: Literare Books International, 2024.

MAIA, G.; MUNER, L. **Maternidade atípica**. *Revista Cathedral*, v. 6, n. 2, p. 12-27, 10 jun. 2024.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Carta da Profa. Mantoan aos Senadores. Inclusão Já!**, 7 nov. 2013. Disponível em: <https://inclusaoja.com.br/2013/11/07/carta-da-profa-mantoan-aos-senadores/>. Acesso em: 8 Maio. 2025



OLIVEIRA, Késsia. **Neuroatipicidade: a jornada entre comparação e a ação.** In: OLIVEIRA, Késsia (org.). *Maternidade atípica: uma jornada de amor, aceitação e crescimento.* São Paulo: Literare Books International, 2024. p. 1- 288.

PITANGA, M. **Diagnóstico: por que é tão difícil aceitar?** In: OLIVEIRA, Késsia (org.). *Maternidade atípica: uma jornada de amor, aceitação e crescimento.* São Paulo: Literare Books International, 2024. p. 1-288.

SOUZA, Luana Vilela; SILVA, Aline Andrade. **Os desafios da maternidade atípica: explorando a intervenção terapêutica para o processo de ressignificação na vida da mulher.** *Revista Faculdade do Saber*, v. 10, n. 24, 2025. Edição Especial Psicologia.

SIMÃO, Maria da Conceição Ferreira. **A compreensão da psicanálise na vivência do luto materno frente à perda do filho idealizado.** 2019. Disponível em: <https://unileao.edu.br/repositoriobibli/tcc/MARIA%20DA%20CONCEI%C3%87%C3%83O%20FERREIRA%20SIM%C3%83O.pdf>. Acesso em: 8 fev. 2025.

TEDx Talks. **O futuro anti-capacitista: cura preconceitos e celebra diversidades.** *YouTube*, 15 mar. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0XEZmh86EhE>. Acesso em: 4 mar. 2025.

TEDx Talks. **A solidão das mães especiais – seja rede, seja aldeia.** *YouTube*, 13 set. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9eyCmr7At04>. Acesso em: 5 mar. 2025.

WERNECK, Claudia. **O que é ser deficiente? A transformação da sociedade e a inclusão no Brasil.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

VIANA, C. T. de S.; BENICASA, M. **Maternidade atípica: termo e conceito.** *Revista Acadêmica Online*, v. 9, n. 46, 2023.

